


**Willian Douglas Guilherme
(Organizador)**



Avaliação,
Políticas
e Expansão
**da Educação
Brasileira 5**

Atena
Editora
Ano 2019

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Avaliação, Políticas e Expansão da
Educação Brasileira 5

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A945	<p>Avaliação, políticas e expansão da educação brasileira 5 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira; v. 5)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-462-7 DOI 10.22533/at.ed.627191007</p> <p>1. Educação – Brasil. 2. Educação e Estado. 3. Política educacional. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 379.981</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira” contou com a contribuição de mais de 270 artigos, divididos em 10 volumes. O objetivo em organizar este livro foi o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios atuais da educação, sobretudo, avaliação, políticas e expansão da educação brasileira.

A temática principal foi subdividida e ficou assim organizada:

Formação inicial e continuada de professores - **Volume 1**

Interdisciplinaridade e educação - **Volume 2**

Educação inclusiva - **Volume 3**

Avaliação e avaliações - **Volume 4**

Tecnologias e educação - **Volume 5**

Educação Infantil; Educação de Jovens e Adultos; Gênero e educação - **Volume 6**

Teatro, Literatura e Letramento; Sexo e educação - **Volume 7**

História e História da Educação; Violência no ambiente escolar - **Volume 8**

Interdisciplinaridade e educação 2; Saúde e educação - **Volume 9**

Gestão escolar; Ensino Integral; Ações afirmativas - **Volume 10**

Deste modo, cada volume contemplou uma área do campo educacional e reuniu um conjunto de dados e informações que propõe contribuir com a prática educacional em todos os níveis do ensino.

Entregamos ao leitor a coleção “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira”, divulgando o conhecimento científico e cooperando com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A APROPRIAÇÃO DA MÍDIA PELA CRIANÇA: UM OLHAR ENTRE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO	
Elisângela Soares Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.6271910071	
CAPÍTULO 2	9
A HISTORICIDADE DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: UM CAMPO EM DISPUTA	
Rozieli Bovolini Silveira	
Lizandra Falcão Gonçalves	
Mariglei Severo Maraschin	
DOI 10.22533/at.ed.6271910072	
CAPÍTULO 3	22
A PERCEPÇÃO DOS SURDOS ACERCA DOS EQUÍVOCOS COMETIDOS EM SUAS PRODUÇÕES ESCRITAS	
Marília Ignatius Nogueira Carneiro	
Clélia Maria Ignatius Nogueira	
Tânia dos Santos Alvarez da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6271910073	
CAPÍTULO 4	33
ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O USO DE AMBIENTES TRADICIONAIS DE EAD E DE SISTEMAS Tutores Inteligentes: Preparação, Elaboração, Aplicação e Resultados	
Dulcinéia Gonçalves Ferreira Pires	
Sandrerley Ramos Pires	
Cassiomar Rodrigues Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.6271910074	
CAPÍTULO 5	47
ANÁLISE DO USO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS PARA FINS NÃO RELACIONADOS AO CONTEÚDO: ESTUDO DE CASO EM UM CURSO DE MEDICINA	
Edgar Marçal	
Cláudia Martins Mendes	
Marcos Kubrusly	
Jessica Mendes de Luca	
Hermano Alexandre Lima Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.6271910075	
CAPÍTULO 6	58
AS CRIANÇAS DA ERA DAS MÍDIAS DIGITAIS E SUA RELAÇÃO COM A LEITURA LITERÁRIA	
Francisca Rodrigues Lopes	
Elizangela Silva de Sousa Moura	
Liliane Rodrigues de Almeida Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.6271910076	
CAPÍTULO 7	68
AS MÍDIAS NO ENSINO: UTILIZANDO SERIADO DE TV PARA ENSINAR CONCEITO DE ENERGIA	
Jéssica Priscilla Martins e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6271910077	

CAPÍTULO 8	71
AS TIC NA EDUCAÇÃO: CONCEPÇÕES DOCENTES SOBRE O EMPREGO DAS FERRAMENTAS DIGITAIS <i>GOOGLE FOR EDUCATION</i> E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM	
Priscila Cristiane Escobar Silva	
Letícia Maria Pinto da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.6271910078	
CAPÍTULO 9	86
CLUBE DE ROBÓTICA NA ESCOLA COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA	
Marlene Coelho de Araujo	
Maria do Carmo de Lima	
Giselle Maria Carvalho da Silva Lima	
DOI 10.22533/at.ed.6271910079	
CAPÍTULO 10	92
AS CONVERSAS EM GRUPO E O FÓRUM VIRTUAL: DISPOSITIVOS CARTOGRÁFICOS DE ENSINO	
Eliane Teixeira Leite Flores	
Diogo Gomes de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.62719100710	
CAPÍTULO 11	104
CRIAÇÃO DE VIDEOAULAS COM MATERIAIS DE BAIXO CUSTO: DISSEMINAÇÃO DO CONHECIMENTO DE MANEIRA ACESSÍVEL E BARATA	
Fábio Rodrigues Ferreira Seiva	
Wesley Ladeira Caputo	
Laísa Ferreira da Silva	
Cristiano Massao Tashima	
DOI 10.22533/at.ed.62719100711	
CAPÍTULO 12	116
EDUCAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA COMO PROCESSOS DE AUTONOMIA DO SUJEITO NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO	
Jessica Aparecida Paulino Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.62719100712	
CAPÍTULO 13	134
ENSINO DA FUNÇÃO AFIM COM A UTILIZAÇÃO DO <i>SOFTWARE GEOGEBRA</i> PARA ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO	
Vinícius Campos de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.62719100713	
CAPÍTULO 14	146
ESCOLA DIFERENTE? NÃO! ESCOLA INOVADORA: UM NOVO CAMINHO PARA EDUCAÇÃO	
Rosichler Maria Batista de Prado Campana	
Kely Guimarães Rosa	
Juliana Marcondes Bussolotti	
Mariana Aranha Souza	
Suelene Regina Donola Mendonça	
DOI 10.22533/at.ed.62719100714	

CAPÍTULO 15	157
INFORMAÇÕES ESTRATÉGICAS NECESSÁRIAS EM UM SISTEMA DE ACOMPANHAMENTO DE EGRESSOS	
Lilian Wrzesinski Simon	
Andressa Sasaki Vasques Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.62719100715	
CAPÍTULO 16	173
INTERDISCIPLINARIDADE E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DOCENTES DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA - EPT NO IFPI	
Angislene Ribeiro Silva Reis	
Joseane Duarte Santos	
Fábio Alexandre Araújo dos Santos	
Vagner Pereira Professor	
DOI 10.22533/at.ed.62719100716	
CAPÍTULO 17	187
METODOLOGIAS ATIVAS NA VISÃO DO ALUNO: UMA PROPOSTA DE PESQUISA	
Eduardo Manuel Bartalini Gallego	
Rodrigo Ribeiro de Paiva	
Daniela Dias dos Anjos	
DOI 10.22533/at.ed.62719100717	
CAPÍTULO 18	202
O ENSINO DA MATEMÁTICA E O USO DO COMPUTADOR: DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A PRÁTICA DOCENTE	
Tacildo de Souza Araújo	
Aretha Cristina de Almeida Ribeiro	
João Paulo Martins da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.62719100718	
CAPÍTULO 19	211
O ESTUDO DE CASO COMO ATIVIDADE PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA	
Josimar de Aparecido Vieira	
Marilandi Maria Mascarello Vieira	
Roberta Pasqualli	
DOI 10.22533/at.ed.62719100719	
CAPÍTULO 20	226
PROVA SANTOS: O PERCURSO ENTRE A SEDUC E AS ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL II	
Vera Helena Mojola Pessoa de Mello e Lara	
Mariangela Camba	
DOI 10.22533/at.ed.62719100720	
CAPÍTULO 21	235
SUSTENTABILIDADE <i>VERSUS</i> PRÁTICA PEDAGÓGICA NA ERA DO JORNAL DIGITAL	
Glauce Angélica Mazlom	
Fabrícia Rilene de Sousa Silva	
Juciely Moreti dos Reis	
DOI 10.22533/at.ed.62719100721	

CAPÍTULO 22	241
TECNICISMO DOS ANOS DE 1970: UM PARALELO DOS SEUS DETERMINANTES POLÍTICOS E SOCIAIS NA EDUCAÇÃO DA ATUALIDADE	
Izanir Zandoná Andrea Vergara Borges Marisete Maihack Perondi	
DOI 10.22533/at.ed.62719100722	
CAPÍTULO 23	247
TECNOLOGIAS DIGITAIS NO ENSINO DE MATEMÁTICA: MOVIMENTO DE UMA FORMA/AÇÃO DE PROFESSORES	
Anderson Luís Pereira Ingrid Cordeiro Firme Rosa Monteiro Paulo	
DOI 10.22533/at.ed.62719100723	
CAPÍTULO 24	258
TENDÊNCIAS METODOLÓGICAS NAS PESQUISAS EM PROEJA NO BRASIL: BIBLIOMETRIA EM TESES E DISSERTAÇÕES NA CAPES	
Helaine Barroso dos Reis Rinaldo Luiz Cesar Mozzer	
DOI 10.22533/at.ed.62719100724	
CAPÍTULO 25	275
TICS NA EDUCAÇÃO: ATUALIDADES PEDAGÓGICAS NO RÁDIO	
Fernanda Pasian Geison Durães Luciano Gonsalves Costa Natália Fratta da Silva Jorge Augusto Pereira Patrícia Vieira Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.62719100725	
CAPÍTULO 26	280
UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA COM O EMPREGO DE EXPERIMENTAÇÃO REMOTA EM SALA DA AULA	
Rubens Gedraite Leonardo dos Santos Gedraite Eduardo Kojy Takahashi	
DOI 10.22533/at.ed.62719100726	
CAPÍTULO 27	288
A GOVERNAMENTALIDADE DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: BREVE ESTADO DA ARTE A PARTIR DE BASES DE DADOS DIGITAIS	
Gilmar Lopes Dias Carlos Roberto da Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.62719100727	

CAPÍTULO 28 300

A NARRATIVA COMO EIXO ARTICULADOR DA EDUCAÇÃO MIDIÁTICA E COMUNICACIONAL:
UMA ABORDAGEM EDUCOMUNICATIVA NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL
ELZA MARIA PELLEGRINI DE AGUIAR (CAMPINAS-SP/BRASIL)

[Marciel Aparecido Consani](#)

DOI 10.22533/at.ed.62719100728

CAPÍTULO 29 314

DE INVASÃO SILENCIOSA À ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA FINANCEIRA PUBLICAMENTE
DECLARADA: A INSERÇÃO DE DISCIPLINAS A DISTÂNCIA EM CURSOS PRESENCIAIS DE
GRADUAÇÃO

[Stella Cecilia Duarte Segenreich](#)

[Ana D'Arc Maia Pinto](#)

[Lilian Lyra Villela](#)

DOI 10.22533/at.ed.62719100729

SOBRE O ORGANIZADOR..... 333

AS CONVERSAS EM GRUPO E O FÓRUM VIRTUAL: DISPOSITIVOS CARTOGRÁFICOS DE ENSINO

Eliane Teixeira Leite Flores

Instituto de Bioquímica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós Graduação Educação em Ciências: Química da vida e Saúde. Porto Alegre, RS.

Diogo Gomes de Souza

Instituto de Bioquímica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós Graduação Educação em Ciências: Química da vida e Saúde. Porto Alegre, RS.

RESUMO: A Cartografia pode contribuir, pelos efeitos das ações de aprendizagem, para a análise de implicação das instituições de ensino com as demandas da sociedade. Como dispositivos de intervenção e de pesquisa a conversa presencial e virtual sobre a grupalidade, ao problematizar os trabalhos experienciados em grupo, força a pensar sobre o trabalho em equipe e o cuidado em saúde. Os ditos e escritos dos estudantes de graduação em Odontologia apontam para o dual conflito entre a cooperação/colaboração e a competição; a participação ativa e a inoperância; a autonomia e o apoio mútuo; a (des) confiança e a liderança, o controle e a sujeição entre pares e professores. As conversas potencializam a produção transversal do conhecimento ao ativarem o coengendramento do plano comum e heterogêneo desse coletivo de forças, pela

incorporação das políticas públicas no ambiente universitário.

PALAVRAS-CHAVE: Cartografia. Trabalho em grupo. Ensino. Odontologia.

GROUP CONVERSATION AND THE VIRTUAL FORUM: CARTOGRAPHIC DEVICES OF THE TEACHING

ABSTRACT: The cartography can contribute, by the effects of the learning actions, to the analysis of implication of the educational institutions with social demands. Like devices of research and intervention the face to face and virtual conversations about groupality, by making problems about the experience in group work forces to think the teamwork and health care. The sayings and writings of the students, in the Dental graduation, point to the duality and the conflicts between collaboration/cooperation and competition; the active participation and the inoperation; the autonomy and the mutual support; the (dis) trust and the leadership, the control and the subjection among peers and teachers. The conversations leverage the transversal production of knowledge, by putting in action the co-engender of common and heterogeneous plan in these collective forces, by the incorporation of public policies in the university environment.

KEYWORDS: Cartography. Group Work. Teaching. Dentistry.

1 | INTRODUÇÃO

As oportunidades de aprendizagem, tanto no domínio cognitivo como afetivo, na aproximação da odontologia com a realidade, exigem enfrentamento para o inesperado com práticas mais integradas e de educação permanente. A maior conectividade e a construção de vínculos entre os diversos profissionais são importantes para a atuação em rede, pela criação coletiva do conhecimento construído na realização do trabalho em equipe, pela ação multidisciplinar e conexão transdisciplinar¹².

O cuidado como palavra de ordem reintroduzida com a reforma curricular, com os estudos sobre o trabalho multidisciplinar e o *ethos* no ensino em saúde, está acompanhado do *efeito camaleão*⁵ na comunidade odontológica. A compreensão de que o estudante ao entrar na faculdade de odontologia deve incorporar o agente cuidador traz dentro de si um problema ontológico, filosófico e existencial, porque em alguma instância todo cuidador (profissional ativo) é uma pessoa que foi (des)cuidada. Ocorre nesse momento um processo de socialização, que pode se tornar em uma *odontologização do cuidador* em (de)formação, por esquecer-se do corpo integrado.

Os mecanismos tecnológicos de aumento da produtividade, principalmente os centrados na produção e circulação da informação, produzem efeitos devastadores sobre o organismo humano. Madel Luz¹¹ acredita que o ritmo de produção capitalista é, na atualidade, mais extorsivo de energia que nunca. A situação de desconfiança mútua gerada pela competição do capitalismo contemporâneo e o fato de estar sempre em guarda contra o outro, típico do estado de ânimo individualista, invadiu o mundo do trabalho e colocou em cheque os valores e padrões de sociabilidade geradores de laços sociais e sentidos culturais solidários. Essa situação é mais sensível em alguns espaços laborais e mais individualizados como os trabalhos técnicos de nível superior, ou os trabalhos de criação e pesquisa dos trabalhos acadêmicos.

A multiprofissionalidade no cuidado é uma das vias perseguida para a efetiva prática da integralidade em saúde e da transversalização do conhecimento. Entre as inúmeras tentativas, a padronização excessiva do processo produtivo traz, como efeito secundário, o constrangimento da inteligência prática do professor, estudante e trabalhador. Assim, numa relação paradoxal, a padronização que investe na prescrição do trabalho não pode dispensar essa inteligência com seu caráter inventivo, que a subverte e potencializa a sua engenhosidade².

Compreender a formação e a produção do saber como processos de coemergência de si e de mundo abre a possibilidade de fazê-las funcionar como um dispositivo potente de intervenção, como usina de produção. Ao favorecer os espaços de fazer junto, de encontro de convivências e de aprendizagem, a formação nesse sentido deixa de ser um espaço tranquilo de transmissão de conhecimento e de costumeira

(des)atenção, para se apresentar como disputa de sentido, de embate de forças de mudança. Quando se consegue colocar a experiência no primeiro plano e suspender as identidades cristalizadas pelo hábito existe a possibilidade de criatividade coletiva e de compartilhamento de autoria⁹.

2 | CONTEXTUALIZAÇÃO

O organismo e meio são resultados, efeitos de uma rede processual constituindo-se reciprocamente, e apresentando-se como fontes mútuas de perturbação. No sentido usado por Gilles Deleuze e Félix Guattari, Kastrup⁹ explica que podemos falar em agenciamentos o que para os biólogos Humberto Maturana e Francisco Varela trata-se de um acoplamento. Os processos são mutações maquínicas de co-produção, processos de engendramento (agenciamento) e acoplamento. Uma máquina assim compreendida como energia em processo de transformação se dá pela vizinhança de fluxos heterogêneos e independentes⁹.

A produção maquínica da subjetividade, para falar do trabalho com o computador, pode se dar tanto para o melhor quanto para o pior; tudo depende de como será sua articulação com os *agenciamentos coletivos de enunciação*. O melhor é a criação, a invenção de novos mundos e o pior é a *mass mídia* embrutecedora. O que importa não é o confronto com uma nova matéria de expressão, mas a constituição de complexos de subjetivação; indivíduo-grupo-máquina e trocas múltiplas que oferecem à pessoa possibilidades diversificadas de recompor a corporeidade existencial, de sair de seus impasses repetitivos e de poder singularizar-se⁸.

Operar na *transversalidade*, segundo Félix Guattari⁸, é considerar o plano comum em que a realidade se comunica pela dinâmica coletiva de um grupo, não como organismo, mas como *dispositivo* – conceito usado por Michel Foucault –, que propõe operar outros modos de conexão, outros modos de subjetivação. O hibridismo das formas cognitivas reverbera, então, sobre a aprendizagem para sair das formas de reconhecimento tradicionais. Para a intensificação das práticas interativas de aprendizagem, as conversas presenciais e o uso da informática são úteis como um equipamento coletivo de subjetivação e dispositivo para a transversalidade. É com as práticas concretas que a informática, como potência de virtualização da ação, se acopla às práticas que viabilizam o desencadeamento de um processo de problematização, que não se esgota ao encontrar uma solução³.

Problematização é a prática da filosofia que corresponde a uma ontologia da diferença, ou seja, ao reconhecimento da descontinuidade como fundamento do ser. A elaboração de um dado em questão, essa transformação de um conjunto de complicações e dificuldades em problemas para os quais as diversas soluções tentarão trazer uma resposta é o que constitui o ponto da problematização e o trabalho específico do pensamento⁹.

Segundo Lévy¹⁰ as desordens da economia, bem como o ritmo precipitado da evolução científica determinam uma aceleração geral da temporalidade social. Os indivíduos e grupos não estão mais confrontados a saberes estáveis, mas a um saber-fluxo imprevisível, no qual se deve agora aprender a navegar. A relação intensa com a aprendizagem não pode estar dissociada dos avanços dos saberes que a acompanha e conduz. Usar as provas e exames, que validam e estruturam os programas de ensino sem mudar os mecanismos de validação das aprendizagens, é equivalente a inchar os músculos da instituição de ensino, bloqueando o desenvolvimento de seus sentidos e de seu cérebro.

Na *grupalidade*³, no entendimento que a subjetividade é engendrada e produzida pelas redes e campos de forças sociais, não há sujeito mas processo de subjetivação. A subjetividade é, então, capaz de se experimentar em movimento, para a aprendizagem de si mesmo no trabalho em grupo. É importante lembrar que para pensar a *grupalidade* no ensino e no trabalho se estabelecem conexões não apenas entre pessoas diferentes, mas, também, entre modos diferentes de existir. Os grupos, as equipes, as instituições e as organizações são redes de relações entre relações. Nos grupos a comunicação é aumentada ou diminuída, ampliada ou constrangida, dependendo da maneira de como se dão os encontros e de como se operam as relações no trabalho grupal; compreendendo-as no contexto da formação profissional que tenha em vista o entrelaçamento de contextos sociais e políticos.

O grupo esclarece Barros³, sem sua característica identitária não como intermediário ou como instituição, passa a devir em outro modo de produção de subjetividade, onde a transversalidade leva a lidar com múltiplos modos de existir. O grupo pode acionar confrontos entre as expressões do modo-indivíduo vigente em meio às mutações, que não advenham identidades totalizadoras e serializantes. Em um nível molar o grupo existe, as pessoas se reúnem, fazem coisas juntas e criam projetos que querem realizar pelo trabalho grupal, o que pode levar à construção de outras histórias e conquistas. O grupo molar é passível de conduzir, pelo confronto de identidades e dificuldades, a caminhos de solidariedade e de cidadania. No entanto, encontram-se cartografias grupais no nível molecular, processos que entram em contato com singularidades não individuadas, em um terreno em que não cabem mais dualidades.

A relação de consistência da prudência e a arte de agenciar com aquilo que intensifica a participação criativa e imanente, no enfrentamento do caos, nos permitem ficar à espreita desses encontros intensivos, dos quais é possível extrair vida nesse tempo cronometrado. Pelo ato de escrever podemos liberar a vida daquilo que a aprisiona. Para sairmos da redução que a (des)confiança provoca, é preciso prudência no envolvimento com as regras ou procedimentos favoráveis a uma experimentação curtida a cada instante, na espreita de que algo mais forte e criativo aconteça. As intensidades são de singularização, são vibrações que compõem a própria essência singular do indivíduo, em um grau de potência que o caracteriza. Nos cuidados com

a saúde, pretender sair do trefismo, do sobretrabalho e do excesso de atividades dependerá do poder de entrega dos professores e estudantes aos processos criadores, que podem produzir afetações nesse coletivo, pelas intensidades desses encontros¹³.

Transforma-se a realidade para conhecê-la e não o inverso¹⁴. Esta transformação está na égide do *cuidado e nas práticas de si*⁷. O cuidado de si é o conhecimento de si, esse é o lado socrático-platônico, mas é também o conhecimento de certo número de regras de conduta e princípios que são simultaneamente verdades e prescrições. Cuidar de si é munir-se dessas verdades: nesse caso a ética se liga ao jogo da verdade. Constituir-se como sujeito que governa implica que se tenha constituído como sujeito que cuida de si⁷.

A *epiméleia heautoû* (cuidado de si) e a *parrhesía* (a livre fala) são práticas de si⁷ pelas quais é possível constituir, instrumentalizar as estratégias de liberdade que os indivíduos podem ter em relação uns em relação aos outros. Não pode haver sociedade sem relações de poder, se elas forem entendidas como estratégias. Não importa tentar dissolvê-las na utopia de uma comunicação transparente, mas se imporem regras de direito, técnicas de gestão e também a moral, o ethos, a prática de si com o mínimo possível de dominação. As práticas de si são relacionais e transversais, não são nem individuais nem comunitárias, não tem por finalidade cortar o eu do mundo mas prepará-lo. Pela fala franca o governado pode e deve interpelar o governo em nome do saber, da experiência que ele tem, a partir do fato que é um cidadão. O discurso de franco-falar tem por função estar voltado para o outro, a quem ele deve ser útil. A palavra livre colabora para o aumento entre os estudantes da benevolência ou ainda da amizade. São os cuidados com a prudência, com a habilidade, com as condições que fazem com que se deva dizer a verdade em tal momento, sob tal forma, em tais condições, a tal indivíduo, na medida em que ele for capaz de recebê-la da melhor forma no momento em que estiver⁷.

O cuidado concebido como o saber, o poder e o si configura a tripla raiz de uma problematização do pensamento. Importa, então, pensarmos o cuidado como a invenção de novas possibilidades de vida, com o sentido de acompanhamento dos processos da realidade de si e do mundo, na direção da transversalidade, pela abertura do coeficiente comunicacional entre sujeitos e grupos. Pensar é objeto de um encontro que faz signo, que incomoda e força a pensar. Além disso, pensar é poder estender relações de forças com a condição de compreender que essas relações não se reduzem à violência, mas constituem ações sobre ações, tal como desviar, facilitar ou dificultar, ampliar ou limitar¹⁴.

3 | A PESQUISA INTERVENÇÃO

Nessa direção e com o pressuposto de que toda pesquisa é intervenção, por produzir efeitos de transformação, problematizamos com estudantes de graduação

em odontologia a *grupalidade*, para nos forçar a pensar o *trabalho em equipe* e o *cuidado* integrado em saúde. Conversamos em grupos, em encontros presenciais e em forma de fórum virtual, com 44 estudantes, recém-ingressos, ao longo do primeiro semestre letivo, pela articulação dos critérios de avaliação e validação da cartografia nesse coletivo.

Os grupos foram formados para trabalhar com quatro disciplinas obrigatórias, que se conectam diretamente com as Ciências Humanas e Sociais, nos Seminários de Integração Interdisciplinar. Em exercício introdutório à pesquisa qualitativa, menos etnográfica que jornalística, os quatro grupos de onze estudantes realizaram, além de investigação na literatura, entrevistas individuais no mercado público e no Campus Universitário da Saúde, orientados por quatro professores e pelo compromisso com a ética. Entre as apresentações quinzenais dos seminários, problematizamos com cada grupo a forma como se organizaram, de como entenderam o que se passava entre eles na realização desses trabalhos coletivos.

3.1 Cartografia

Como o princípio da cartografia aponta para o fato de que o pensamento não é representativo, mas inventivo, esse caráter coloca a ciência em constante movimento de transformação, por criar novos problemas e exigir práticas originais de investigação¹⁴. Analisar o coletivo é importante em um percurso de formação, como dinâmica de contágio em um plano hiperconectivo, como devir — que é a potência de mudar e experimentar de forma diferente. Analisar pela perspectiva de que o que está sendo narrado é a experiência de tornar-se responsável pelos efeitos dessas ações produzidos nessa aprendizagem, o que nos obriga a pensar na inseparabilidade entre o modo de fazer, o modo de dizer e de ensinar.

A pesquisa cartográfica pressupõe a habitação de um território por exigir um processo de aprendizado do próprio cartógrafo no duplo sentido do processo, por criar caminhos divergentes de transformação qualitativa. Conhecer, agir e habitar um território não são experiências distantes uma das outras. Tanto a pesquisa quanto o campo pesquisado estão sempre num processo incessante de coprodução e coemergência. A análise dessa implicação coletiva deixa claro que todo pesquisador está sujeito ao afetamento do seu objeto de estudo enquanto afeta o campo na qual está intervindo¹.

Para intervir e criar efeitos de subjetividade interessa o que se passa entre grupos e intra-grupos, no que está para além e aquém da forma, entre as formas ou no atravessamento dela. Assim o que importa é não analisarmos os comportamentos, as ideias, as sociedades e as suas ideologias, mas problematizar como o ser se dá, como podendo ser pensado e as práticas a partir das quais essas problematizações se formam, permitindo o acolhimento dos devires minoritários através de variáveis menores¹⁴.

O caráter necessariamente coletivo da linguagem é conceitualmente trabalhado por Gilles Deleuze e Félix Guattari como uma pragmática¹⁶, no entendimento do acontecimento como coletivo, singular, impessoal e responsável pelas constantes transformações sofridas e exercidas junto ao real. Uma definição real do agenciamento coletivo coloca a questão sobre o que consistem os atos imanentes à linguagem, atos que estão em redundância com os enunciados ou que criam palavras de ordem. Os atos definem-se pelo conjunto de transformações incorpóreas em curso, em uma dada sociedade. Não são os enunciados que remetem as proposições, mas o inverso. Entre os enunciados e as semiotizações existem apenas máquinas, agenciamentos e movimentos. O discurso direto repete exatamente a fala de um personagem e o discurso indireto constitui-se no desdobramento do agenciamento coletivo, que opera tanto no plano da dizibilidade como no plano maquínico de visibilidade das ações⁶⁶.

Ao cartografar encontramos do lado molar — plano real visível e dizível — as tensões dos conflitos, que são percebidas como representações modeladoras ou potências desviantes e minoritárias. Do lado molecular, encontramos as tensões entre esse plano e aquilo que já se anuncia no diagrama do real sensível, invisível e indizível, que são as sensações que abordam a alteridade como forças que afetam o corpo em sua capacidade de trazer e criar outras ressonâncias³.

4 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

As conversas abertas, com uma hora de duração, deram visibilidade ao que os estudantes costumam fazer, que é governado pelas reações emotivas, pelas representações sociais construídas com os modos de pensar da família e das suas diferentes culturas, dos ideais religiosos, da formação escolar anterior, e, pela subjetivação do sentir e do agir contemporâneos que convergem no ambiente universitário.

Nesses encontros presenciais ficou registrada a percepção da dualidade dos sentimentos, das sensações e dos comportamentos vivenciados nos grupos de trabalho. As (in)certezas, (in)seguranças e a singularidade de cada grupo propiciaram a enunciação do que estava presente em si próprios e entre os colegas.

Entre as palavras de ordem cooperar/colaborar vinculadas aos anseios por maior solidariedade, comunicação, confiança, atenção e apoio mútuo coexistem, em conflito, com a incentivada competição, a busca por controle e liderança, com o individualismo, a autonomia e o sucesso pessoal. A conversa franca foi aceita pela descontração proposta ao criarmos espaço/tempo para a escuta/fala, por acolhermos, também, o silêncio, por vezes (im)oportuno ao gerar constrangimento, efeito daquilo que ao ser expressado frente a frente foi entendido pelos estudantes como politicamente incorreto.

No fórum à distância, ferramenta metodológica de escrita coletiva denominada de plataforma Rooda (Moodle/UFRGS), os estudantes mantiveram a conversa pactuada

como avaliativa, tendo como critérios a colaboração/ cooperação dos participantes, para substituir a última prova da disciplina de Saúde e Sociedade. Ao longo do semestre uma estudante abandonou o curso; entre os 44 estudantes 20% eram cotistas. A maior participação feminina pode ser justificada pelo maior número (30) entre 13 alunos. As 122 postagens, que variaram entre 18 e uma única por pessoa, foram inseridas no sistema em diferentes horários, durante 25 dias.

O Fórum convoca a escrita em qualquer momento pela disponibilidade de acesso, funciona por pontos temáticos que ora convergem, ora ressoam, ora bifurcam, imprimindo mudanças que não se restringem aos trabalhos individuais ou em grupos. Para melhorar e ampliar a nossa problematização trabalhamos com intercessores — que podem ser o pensamento de filósofos, artistas, cientistas e outros¹⁴. Assim foi postado o *cuidado de si* como introdução ao pensamento histórico, psicológico e filosófico de Foucault⁷, e o estudo epidemiológico sobre as redes de alianças sociais, no entendimento de que um elevado nível de Capital Social¹⁵ tem sido associado com maior equidade, educação, desenvolvimento econômico, saúde e menor violência. A letra F designa as participantes femininas e M, os masculinos.

(2009-11-26 21:43:31) [...] Professora: Após um semestre de atividades de aprendizagem pergunto: o que poderíamos fazer de diferente para que possamos potencializar o trabalho em grupo? O que podemos fazer cooperativa/ colaborativamente para afirmar essa tarefa grupal? Acredito que as duas questões são disparadoras de uma boa conversa.

(2009-11-28 11:18:13) F1 [...] Olá, professora e colegas, [...] falando do nosso meio, que agora é a faculdade, mesmo esse pequeno universo, precisa ser cuidado por um grande grupo coeso. É necessário, e muito, haver cooperação social entre colegas e professores. [...] Saber ouvir é o que estamos deixando de fazer, talvez, uma vez que estamos construindo uma sociedade virtual, onde as pessoas estão perdendo a capacidade de comunicação real e corpórea, cedendo lugar ao irreal. É aprender a oferecer saúde em sociedade, em um grande grupo. Isso não será possível pelas redes sociais (mesmo usuários que somos desses bens virtuais, para tudo tem um limite). Dessa forma, viver em grupo é um difícil exercício de tolerância e respeito, talvez seja por isso que o ser humano tem preferido calar-se diante das dificuldades. Falar, expor-se, tem se tornado cada vez mais difícil.

Nesse espaço de aprendizagem e interação, em que todos são instados a entrar no fluxo em um ritmo cadenciado pelo coletivo e instigados a compartilhar os pensamentos, as postagens não são inseridas de forma imediata e simultânea às respostas dos colegas e professora. O intervalo, o silêncio, a pergunta ignorada ou postergada permite a troca e não uma síntese compacta. Interromper e parar importa para entender e poder desviar do que está sendo naturalizado pelas nossas práticas.

A desconfiança e a confiança são palavras empregadas por Deleuze⁴ para apontar os sintomas que, talvez, nos assaltem ao nos misturarmos com outros corpos. A variabilidade das afecções nos atinge, em relação à potência vital que sentimos variar em nós, em relação às forças que julgamos possuir a cada momento, e em relação ao nosso próprio mundo, aos nossos encontros, ao conjunto de dispositivos, institucionais ou não. Por força dessas oscilações, por força das suas variações, o

envolvimento mútuo de confiar e do desconfiar chega a ser a mais constante doença pública e privada que nos liga ao mundo. Com confiança a nossa potência de agir excede aquilo que conhecemos, e por isso, ela é condição dos atos de criação⁶.

A (des)confiança sentida é manifestada no fórum, enquanto foi omitida nas rodas de conversa do início do semestre, quando expressaram a crença de que a confiança pode ser construída com o tempo.

(2009-11-28 16:47:27) M1 [...] Pelo menos em teoria, trabalhar em grupo é mais produtivo. Multiplicar suas forças e uni-las a um conjunto, um grupo, nos reflete uma certeza de que é mais vantajoso. Contudo, o que fazer quando é impossível a união? Conseguir trabalhar em grupo e conviver com opiniões, ações e meios diferentes, até mesmo opostas aos seus, é muito difícil. Conseguir cooperar e colaborar, quando nos vemos obrigados a fazer parte de um grupo que não é tolerável a nossa ideologia, é extremamente pesado. O medo de deixar obrigações nas mãos de quem não conhecemos direito nos faz ser individualistas. Procuramos não nos envolver, procuramos tentar resolver sozinho ou nem resolver, isso tudo por não acreditarmos em quem nos rodeia. Na minha opinião, é essa intolerância e insegurança para com os outros que formou a “sociedade virtual” descrita pela colega. Preferimos não ter contatos tão diretos, não criar intimidades, não criar uma cooperativa. O fato, entretanto, é que na nossa escolha de ser “cuidadores” vamos ter que aprender a aceitar opiniões e ajudas em prol de um bem maior, a saúde coletiva. Isso está sendo treinado, pois querendo ou não, nos vemos obrigados a passar por atividades em grupos até mesmo dentro da faculdade, e aos poucos estamos aprendendo a lidar com isso. Saber o que dizer e como dizer a alguém que não concorda com sua opinião é importante, mas o mais importante é saber ouvir o que ela tem a dizer e se permitir dar atenção e reflexão a esse ponto de vista.

(2009-11-29 00:04:01) F2 [...] Oi profe e colegas! Certamente o ato de ouvir deve ser praticado. Essa tarefa de “cuidadores” a que nos é atribuída não diz respeito só ao físico do paciente, e sim ao psicológico. Ouvir, entender, se preocupar e humanizar-se é parte fundamental para a competência de nosso trabalho e principalmente para a vida do paciente. Acho que a globalização que prometia a comunicação universal e a consciência do tamanho do nosso mundo tomou caminho contrário, e hoje estamos construindo uma sociedade alienada. Em frente ao imenso leque de opções que nos é oferecido, vemos o que queremos ver, ouvimos o que queremos ouvir, e não sentimos. [...] Com isso, as relações interpessoais se prejudicam muito. O nosso interesse se volta pra nosso próprio bem estar, e o do próximo nós ignoramos.

(2009-11-30 19:36:10) F3 [...] Em trabalhos, assim como a colega comentou, não importa se somos amigos ou não da pessoa, muitas vezes nossos amigos não colaboram e acabam não sendo bons colegas de trabalho. Assim, devemos também ser dignos da confiança dos outros e não adianta esperar deles aquilo que nós mesmos não somos capazes de fazer.

(2009-11-30 22:56:27) F4 [...] Boa noite a todos! Mesmo eu não acreditando que exista uma fórmula “engessada” e simplista nas ciências humanas para definir tipos de relacionamento, tema muito subjetivo - acredito que o conceito que mais aparece no meu modo de vida é o “capital social de união”. Realmente ele contribui para a qualidade de vida. Contudo, esse apoio e entendimento mútuo infelizmente estão se perdendo até mesmo nas famílias. [...] No meio acadêmico, não sou das pessoas mais comunicativas, mas tento tratar as pessoas com respeito e atenção, às vezes, como todo ser humano, estamos cansados psicológica e fisicamente e cometemos alguns erros. Mas é normal, por isso a flexibilidade, a cautela, são essenciais para que esse “estresse” não vire algo obrigatório em nossas vidas.

A atenção ao corpo frente ao contagiante e (in)evitável regime instituído de acumulação e comprovação de conhecimentos adquiridos, incorporados pelos docentes e discentes, é motivo de escrita bem humorada sobre o (in)esperado. Uma estudante diz o que pensa sobre o que é mais importa fazer — cuidar de si para poder cuidar do outro. Observa com prudência a ansiedade e a aceleração naturalizada que emerge como efeito das pressões comuns de disputa pelas melhores notas, para conquistar as melhores oportunidades acadêmicas. A estudante pensa em resistir pela própria reorganização para (sobre)viver, em criar outras condições e não seguir todos os ritmos institucionais impostos ao corpo, a um funcionamento que não lhe é próprio.

(2009-12-06 22:36:36) F4 [...] Agora falando um pouquinho de cuidado. Essa loucura, esse estresse que enfrentamos diariamente, deve ser amenizada. Somos seres humanos e quem irá nos avaliar também é. Não precisamos fazer tudo certinho, como: meu deus! tenho seminário, prova, vou faltar essa matéria pra fazer aquele trabalho, ah agora não posso conversar estou ocupada ahhhhhhhh chega! Bom, brincadeira a parte, acho que é isso que estamos enfrentando, e a maioria das pessoas estão passando por isso. O que quero dizer é que devemos nos cuidar para depois cuidar de alguém. Para isso cabe a organização para não entrarmos em estado de choque. Nosso organismo não aguenta tanta pressão, falo por mim que passei de quarta à sexta no hospital, perdi uma festa que gostaria de ir e compartilhar com meus colegas (BIXOS) por simplesmente me sobrecarregar, e acreditem! Não era nada, era o sistema nervoso agindo. Bem feito para mim, pois enferma não pude nem estudar nem me divertir. Como fala o texto que a professora nos deu segunda-feira, e cita Platão, o qual, diz que cuidar de si e conhecer a si é a mesma coisa, logo se não me cuido não me conheço e como conhecer o outro?

Pensar, falar e escrever sobre o corpo e o seu cuidado, o poder de afetar e ser afetado, a sensibilização coletiva, as tensões e os conflitos vivenciados expressam as vozes que formam um enunciado coletivo. Quando adoecer pode vir a ser um meio para mudar, desviar a atenção para o *cuidado de si* traz o questionamento sobre o que afinal estamos fazendo nas instituições de ensino.

Restituir o discurso ao corpo implica cuidarmos dos encontros intensivos neste mundo que nos obriga a politizar a questão em toda parte em que a vida é ameaçada. Uma estudante, na finalização do fórum, expressa o entendimento sobre o valor da integração das diversas áreas da saúde e o trabalho em equipe multidisciplinar como um cuidado necessário com a sociedade. Compreende que não existe vida sem cooperação e colaboração, por fazerem parte das relações em todos os seus sentidos: profissional, familiar, entre amigos e colegas, porque “até mesmo pra fazer maldades (como a corrupção que rola no nosso Brasil) alguém colabora com alguém ou coopera com alguma coisa”.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As conversas contribuem como dispositivo para emergência de novas subjetividades, de novas possibilidades de ação e de conexão com o mundo. Não é como podemos vivenciar a distinção dos sujeitos que explica o discurso indireto, e, sim o agenciamento tal como surge livremente nos discursos, que explica todas as

vozes presentes em uma voz. A (des)conexão percebida entre as múltiplas disciplinas, a (des)confiança sentida e expressada convivem com o desejo de construção e melhoria da sociedade. A reflexão sobre o comportamento pessoal e coletivo surge como possibilidade de escrever uma história daquilo que fazemos e que é, ao mesmo tempo, uma análise daquilo que somos e que queremos transformar politicamente em nós mesmos.

Vivenciamos, pelas diferenças de classe social, de raça, de gênero, de crenças e de conhecimento, o conflito com *o outro* nesses territórios existenciais, que projetamos no que estamos aprendendo, de modo a lhes atribuir sentido. O que nos causa estranhamento e sofrimento precisa ser problematizado, ser tornado visível para ser transformado, o que requer esforço e atenção dobrada para desembaraçar os discursos, os atos, os corações e os prazeres do autoritarismo e do controle que convivem entre professores e estudantes. A superação do *efeito camaleão*, que brota nas relações intersubjetivas dos ambientes da faculdade, implica em trabalho clínico e requer problematização permanente no exercício de ensino/trabalho para a compreendida transformação do objeto da odontologia.

Sustentamos que com confiança a nossa potência de agir excede aquilo que conhecemos, e por isso, ela é condição dos atos de criação. Acreditar no mundo suscita acontecimentos e engendra novos espaços e tempos, mesmo, com as pequenas experimentações nas práticas de ensino. Compreendemos pela experiência de intervenção na formação, que o trabalho do mestre não é de moldar a vontade política dos outros. É, antes de tudo, tentar fazer funcionar um tipo de saber e de análise de forma a modificar o seu próprio pensamento, em uma modificação lenta e árdua, pela preocupação constante com as verdades úteis.

Importa superarmos a fragilidade temerária dos laços humanos que está presente nos nossos tempos, não só no ambiente universitário: por intermédio das conversas que provocam nos professores e nos estudantes efeitos de compreensão do que é estar junto e poder ser e agir de forma diferente; pela criação de outros modos de subjetivação onde a flexibilidade não seja modulada pelos mecanismos de controle do mercado. É necessário acreditar no grupo como dispositivo, devir-grupo, devir do trabalho coletivo na saúde, para trabalhar na criação de focos de desindividualização, ou seja, trabalhar a *grupalidade* para facilitar as mutações que não produzam identidades totalizadoras.

Com a implicação de melhorarmos as condições de saúde da população compreendemos que estamos distraídos das questões que realmente importam: sacudir os hábitos, as maneiras de trabalhar, ensinar e de pensar; interrogar e retomar a avaliação das regras e das próprias instituições de ensino; participar da formação com uma vontade política de construção de uma sociedade mais sensibilizada com as questões humanas e sociais; *cuidar de si* como potência e dispositivo para cuidar do mundo; pensar nas experiências coletivas de ensino e aprendizagem pelo impessoal que habita em nós; cartografar o *devir cuidador* (coletivo e minoritário) como uma

prática nunca completamente privada, mas pública; pensar na saúde como bem comum.

REFERÊNCIAS

1. ALVAREZ, J; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina; 2009. p.131-149.
2. BARROS, M.E.B.; BARROS R.B. A potência formativa do trabalho em equipe no campo da saúde. In: PINHEIRO, R., BARROS, M.E.B, MATTOS, R.A. organizadores. **Trabalho em equipe sob o eixo da integralidade: valores, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Cepesc; 2007. p.75 - 84.
3. BARROS, R.B. Grupo: a afirmação do simulacro. Porto Alegre: Sulina; 2007.
4. DELEUZE, G. **Conversações**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Ed. 34; 2008.
5. EMMERICH, A.; CASTIEL, L.D. **A ciência odontológica, Sísifo e o “efeito camaleão”**. Interface (Botucatu) 13 (29): 339 - 51, 2009.
6. ESCÓSSIA, L.; TEDESCO, S. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina; 2009. p. 92 -108.
7. FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do Sujeito**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 2006.
8. GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Ed. 34; 2006.
9. KASTRUP, V.; BARROS, R.B. Movimentos funções do dispositivo na prática da cartografia. In: Passos, E.; Kastrup, V.; Escóssia, L. organizadores. **Pistas do método cartográfico: pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina; 2009. p. 76 - 91.
10. LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34; 2008.
11. LUZ, M.T. Fragilidade social e busca de cuidado na sociedade civil de hoje. In: PINHEIRO, O.R.; MATTOS, R.A. **Cuidado: as fronteiras da integralidade**. Rio de Janeiro: Cepesc/UERJ, Abrasco; 2006. p. 9 - 10.
12. MORITA, M.C.; HADDAD, A.E.A. Concepção pedagógica e as Diretrizes Curriculares Nacionais. In: MOYSÉS, S.T; KRIEGER, L.; MOYSÉS, S.J. **Saúde bucal das famílias: trabalhando com evidências**. São Paulo: Artes Médicas; 2008. p. 268 - 76.
13. ORLANDI, L.B.L. A respeito de confiança e desconfiança. In: FRANCO, T.B.; RAMOS, V.C. **Semiótica, afecção & cuidado em saúde**. Rio de Janeiro: Hucitec; 2010. p. 17-34.
14. PASSOS, E.; BARROS, R.B. A Cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina; 2009. p. 17- 31.
15. PATUSSI, M.P.; JUNGES, J.R, SELLI, L.; MOYSÉS, S.J. A influência do capital social no contexto da Estratégia Saúde da Família. In: MOYSÉS, S.; KRIEGER, L.; MOYSÉS, S.J. Saúde bucal das famílias: trabalhando com evidências. São Paulo: Artes Médicas; 2008.
16. TEDESCO, S. Mapeando o domínio de estudos da psicologia da linguagem: por uma abordagem pragmática das palavras. In: KASTRUP, V; TEDESCO, S; PASSOS, E. **Políticas da cognição**. Porto Alegre: Sulina; 2008. p. 21- 45.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-462-7

